

Arquitetura do Vazio em Favelas:

Muros Verdes e Grafismo Indígena no MACquinho | Morro do Palácio

Dinah Papi Guimaraens

Professora Doutora, PPGAU-UFF, Brasil
dinah.papi@gmail.com

Breno Platais Brasil

Professor Mestre, PPGAU-UFF, Brasil
brenoplatais@gmail.com

Denise Santos Crespo Ferreira

Professora Mestre, PPGAU-UFF, Brasil
arq.deniseferreira@hotmail.com

Carolina Camargo de Jesus

Professora Mestre, PROFLIND-UFRRJ, Brasil
artespoti@gmail.com

Sofia Eder

Professora Mestre, PPGEduc-UFRRJ, Brasil.
sofiaeder@gmail.com

RESUMO

Estudo de Caso: A paisagem multicultural contribui para a formação de favelas na periferia da Baía de Guanabara. A UNESCO registrou Niterói / Rio de Janeiro como primeira Paisagem Urbana Cultural do Patrimônio Mundial em 01 de julho de 2012. A investigação enfatiza projetos verdes em microescala e o registro visual de patrimônios arquitetônicos desse perímetro também protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN. Metodologia: O Laboratório de Paisagem e Lugar (LAPALU), do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal Fluminense (UFF) propõe a transformação do espaço público por meio de novas intervenções nos vazios das favelas. O projeto Muros Verdes e Grafismo Indígena (2017) enfatiza a realização de um exercício reflexivo de autocrítica por meio de protótipos de microplanejamento urbano. MACquinho é o único projeto social de Oscar Niemeyer (2008) construído em favelas brasileiras. Integra tal espaço as atividades do Museu de Arte Contemporânea (MAC-Niterói) destinadas aos moradores do Morro do Palácio por meio da Plataforma Urbana Digital criada pela Prefeitura Municipal de Niterói / RJ. Resultados: O presente projeto destaca a relevância de iniciativas de ponta em Arquitetura e Urbanismo em locais-chave de interesse social, considerando as construções típicas de culturas indígenas (ocas ou malocas). Também propõe a revitalização da praça central do Morro do Palácio / Niterói como ponto de encontro e discussões coletivas para a implementação de atividades sugeridas pelos moradores da favela.

PALAVRAS-CHAVE: Vazios Urbanos; Muros Verdes; Grafismo Indígena.

LÓGICAS TRANSCULTURAIS EM ARQUITETURA E URBANISMO

Na lógica transcultural definida pelas transformações que ocorrem no atrito de culturas distintas, o conhecimento acadêmico em Arquitetura e Urbanismo se volta para uma discussão no campo da Antropologia e das tecnologias digitais, visando encontrar soluções viáveis para o atual impasse das megacidades brasileiras relacionadas à ocupação do espaço público que define a qualidade de vida urbana.

O projeto explora as lógicas de desenho urbano responsáveis por espaços de exclusão socioeconômica e atualização de uma suposta cidadania, bem como esquemas disciplinares de controle público-privado com foco na arquitetura de favelas como o Morro do Palácio / Niterói. Contrasta a violência urbana cotidiana que ocorre na megalópole de Niterói / Rio de Janeiro com o design moderno da arquitetura de Oscar Niemeyer.

MACquinho, único projeto social construído em uma favela brasileira, conta com um projeto de Niemeyer para o Museu de Arte Contemporânea (MAC-Niterói), tendo sido inaugurado em 20 de dezembro de 2008. Sua missão resulta de um projeto de educação artística desenvolvido em parceria com o Museu Andy Warhol (EUA) e o Programa Médico de Família da Universidade Federal Fluminense (UFF). Implantado na favela Morro do Palácio, localizada em frente ao MAC-Niterói, o objetivo do MACquinho é desenvolver atividades de arte e ações socioambientais junto à comunidade jovem da favela, interagindo com os programas artísticos do MAC-Niterói.

Enfatizando um exercício reflexivo de autoavaliação crítica a partir da análise de construções típicas das culturas indígenas brasileiras (ocas ou malocas) e na busca pela promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural, o protótipo de Muros Verdes e Grafismo Indígena foi realizado no dia 29 de abril de 2017 por alunos de Arquitetura e Urbanismo, Agroecologia e Engenharia Ambiental da Universidade Federal Fluminense (UFF), em meio à tensão gerada pelo assassinato de um representante do tráfico de drogas pela polícia.

Tal manifestação da violência urbana gerou tensões que aparentemente já haviam sido resolvidas na relação dos moradores com os quartéis dos jovens traficantes que ocupam a comunidade. Este projeto contou com música, dança e artesanato de índios Fulni-ô, com o objetivo de garantir que moradores daquela comunidade e estudantes universitários pudessem adquirir os conhecimentos e as habilidades necessários para promover um estilo de vida sustentável, com ênfase em atividades artísticas e apresentações de artistas indígenas.

Figura 1: Índios Fulni-ô /MACquinho



Fonte: JEFFERSON, 2017

Figura 2: Txhyfeldja Fulni-ô/Jefferson, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

OBJETIVOS: ARQUITETURA INDÍGENA BIOCLIMÁTICA

A Prefeitura de Niterói inaugurou, em 2014, a primeira Plataforma Digital de Educação Urbana do município, no Morro do Palácio, no Ingá, nas instalações do MACquinho. A Plataforma Urbana Digital é um espaço educacional, cultural e de entretenimento mediado por tecnologias de informação, com o objetivo principal de oferecer acesso às mais recentes mídias digitais pela população em situação de vulnerabilidade social.

O próximo projeto de Plataforma Digital foi inaugurado na Engenhoca, em 2019. O espaço do MACquinho conta com um telecentro denominado “Centro de Cidadania Digital”, onde são oferecidos diversos cursos para crianças e jovens do Morro do Palácio, como aulas de informática e robótica. Possui, ainda, um estúdio de áudio com equipamentos para dublagem, gravação, mixagem e criação de DVDs, além de sala de jogos educativos interativos, cinema ao ar livre e espaço polivalente com auditório para a oferta de cursos como língua inglesa.

O programa Niterói Digital visa democratizar o acesso à mídia e à tecnologia da informação, principalmente nos bairros populares da cidade. O Niterói Digital já conta com rede WI-FI em cinco praças da cidade e inclui a implantação de telecentros em diversas regiões, além de um Centro de Produção Digital que funciona no centro da cidade.

O presente projeto foi desenvolvido no Auditório do MACquinho durante o curso “Arquitetura Indígena Bioclimática”, ministrado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Enfatiza a lógica do desenho urbano responsável por espaços de exclusão socioeconômica e esquemas disciplinares de controle público-privado, enfocando a violência cotidiana revelada pela arquitetura da favela.

Analisa-se aqui um protótipo em microescala baseado em práticas sociais e apropriações coletivas, destacando a relevância de iniciativas de ponta em Arquitetura e Urbanismo construídas em locais-chave de interesse social. Este projeto foi realizado com o esforço conjunto de favelados, artesãos e músicos indígenas, tendo sido coordenado por professores e alunos da Universidade Federal Fluminense / UFF.

A proposta de projeto verde recebeu, em dezembro de 2017, o Prêmio de Excelência Social da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PROPPi) da Universidade Federal da Universidade (UFF). Esse projeto arquitetônico enfatiza as construções típicas das culturas indígenas (ocas ou malocas) em megacidades latino-americanas como Rio de Janeiro / Niterói.

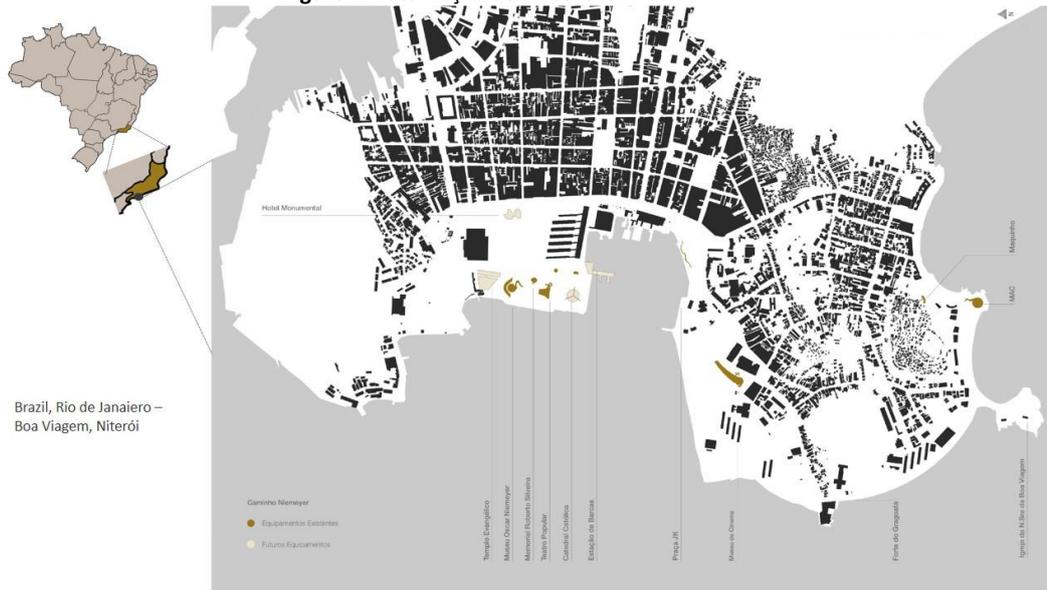
Está prevista, também, a construção de um Palco-Oca no MACquinho para apoiar feiras e oficinas de artesanato, pintura corporal, apresentações rituais e musicais, gastronomia e ervas curativas, espetáculos de artes visuais, teatro | artes cênicas e literatura. Tal Palco-Oca atua, igualmente, como um Visor da Paisagem no Rio de Janeiro / Niterói, destacando seu papel como primeiro bem cultural da paisagem cultural urbana registrado pela UNESCO em 2012.

Figura 3: Palco-Oca. MACquinho/Niterói, 2018



Fonte: Projeto de MARCELA VIANA/ROMAN TEIMURAZOV, 2018

Figure 4: Localização do Palco-Oca



Fonte: DENISE FERREIRA, 2019

ESCOPO CRÍTICO: Paisagem Cultural Urbana (UNESCO, 2012)

Após a Cúpula da Terra de 1992 no Rio de Janeiro e a ampla divulgação da Agenda 21, em um plano de ação da Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a diversidade da paisagem foi reconhecida como um recurso que é impactado por processos socioeconômicos, pela globalização cultural e pelos avanços tecnológicos que têm um efeito homogeneizador. Como resultado do aumento da consciência internacional das interrelações globais, muitos países estão atualmente trabalhando em programas que

melhoram a proteção da paisagem, através do desenvolvimento do uso sustentável deste recurso.

A sustentabilidade expressa a preocupação com o uso dos recursos naturais e culturais para que sua capacidade de atender às necessidades humanas no futuro não seja diminuída. O conceito evoluiu em relação aos perigos detectados para os recursos naturais. Os gestores do patrimônio cultural transferiram conceitos relevantes de sustentabilidade para a sobrevivência dos recursos culturais, a estrutura dos monumentos, os locais patrimoniais e as paisagens urbanas. O uso sustentável, conforme definido na Convenção sobre Diversidade Biológica (1992), mostra que o conceito só faz sentido caso se referira a ecossistemas inteiros e não a espécies individuais. Tal conceito também se aplica a paisagens culturais que requerem uma abordagem global do meio ambiente. O Programa de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável da Comissão de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ONU) limitou o conceito a três grandes categorias: social, econômica e ambiental.

De acordo com a UNESCO (<http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/>), uma grande variedade de paisagens é representativa de diferentes regiões do mundo, enquanto obras combinadas de natureza e ação humana expressam uma longa e íntima relação entre os povos e seu ambiente natural. Desde 2005, todos os ativos propostos devem atender às condições de integridade. Este conceito foi especificamente enfatizado em várias reuniões temáticas da UNESCO em nível internacional e regional, contando com a participação de especialistas em paisagens culturais.

O significado da palavra integridade evoca um todo material, um caráter complexo, um estado impecável ou incorruptível, a continuação dos usos tradicionais e o tecido social. Um exame das condições de integridade, portanto, requer julgar até que ponto a propriedade:

1. Possui todos os elementos necessários para expressar seu excepcional valor universal, indicando que para as paisagens culturais e outros seres vivos as relações dinâmicas e funções presentes nas paisagens culturais devem ser mantidas;
2. É grande o suficiente para permitir uma representação completa das características e processos que transmitem a importância da propriedade;
3. Sofre os malefícios do desenvolvimento e / ou da falta de cuidado, devendo este item representar uma declaração sobre a necessidade de manutenção de tal integridade.

No contexto específico das paisagens culturais, integridade é a extensão em que evidências históricas sucessivas, com significados e interações entre os elementos constituintes, permanecem intactos e podem ser interpretados na paisagem. Significa, também, a integridade do relacionamento com a natureza que não indica, necessariamente, a integridade da própria natureza. Se uma paisagem claramente definida, projetada e intencionalmente criada permanecer como foi criada sem modificações substanciais, ela atenderá às condições de integridade, como o conceito de Paisagem Urbana Cultural Rio de Janeiro / Niterói.

Em consonância com a UNESCO, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) regulamentou a paisagem cultural como instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro em 2009, por meio da Portaria nº 127. Por definição, o selo de Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do

processo de interação do homem com o meio natural, ao qual a vida humana e a ciência imprimiram ou atribuíram valores.

Um local que recebe este tipo de reconhecimento pode gozar do título se mantiver as características que lhe valeram a classificação de paisagem cultural. É necessário desenvolver um Plano de Gestão e estabelecer um pacto entre o poder público, a sociedade civil e o setor privado para a gestão compartilhada dessa porção do território nacional. Se os associados não cumprirem as determinações e se as características da paisagem forem degradadas ou perdidas, o órgão responsável, no caso o IPHAN, poderá cancelar o selo.

O Comitê de Gestão de Sítios do Patrimônio Mundial, coordenado pelo IPHAN, foi oficialmente instalado em 2012 e é composto por 20 membros entre representantes do IPHAN, dos Ministérios da Defesa e Meio Ambiente, da Prefeitura, do Governo do Estado do Rio, da UNESCO, além de representantes da sociedade civil, de organizações não governamentais como o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e de associações de moradores do município do Rio de Janeiro, entre outros.

Rio de Janeiro / Niterói como Paisagem Urbana Cultural Mundial

Uma natureza magnífica foi o que os europeus encontraram quando, no século 16, viram a Baía de Guanabara e fundaram a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Seu entorno caracterizado pela combinação do mar, da montanha e da floresta, ao longo de mais de quatro séculos de história, foi e tem sido palco de grandes e importantes acontecimentos históricos no Brasil.

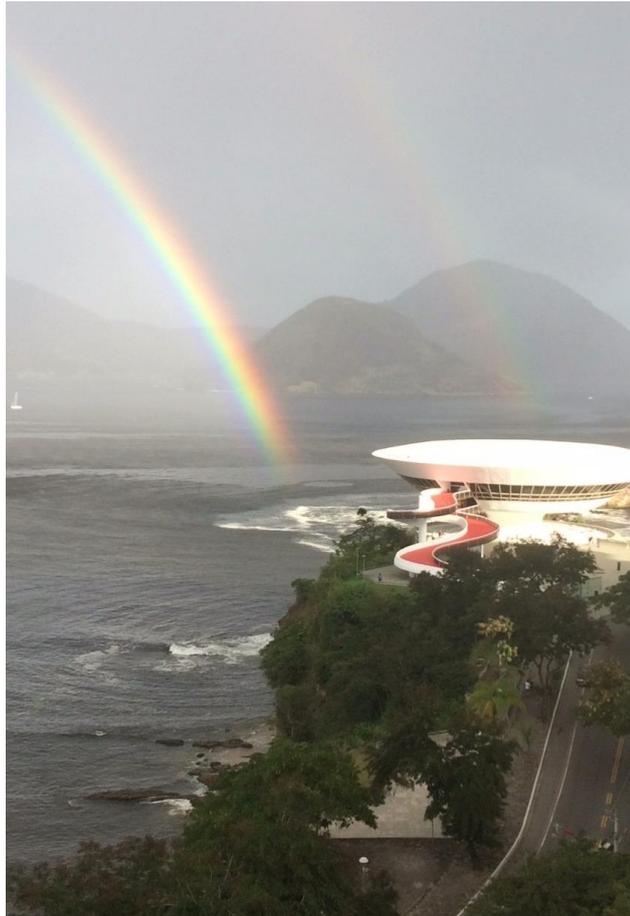
A partir de 1992, o conceito de paisagem cultural foi adotado pela UNESCO e incorporado como uma nova tipologia para o reconhecimento dos bens culturais. Anteriormente, os locais reconhecidos nesta categoria estavam relacionados às áreas rurais, aos sistemas agrícolas tradicionais, aos jardins históricos e a outros locais simbólicos. Em 01 de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro se tornou a primeira área urbana do mundo a ser reconhecida pelo valor universal de sua paisagem urbana.

Este projeto de pesquisa se baseia nas paisagens multiculturais que contribuíram para a formação e a construção de favelas localizadas no entorno da Baía de Guanabara. O Rio de Janeiro/ Niterói como Patrimônio da Humanidade chancelado pela UNESCO inclui o Forte de Santa Cruz localizado na entrada da Baía de Guanabara e os mirantes do Morro do Pico - Jurujuba / Niterói e do Morro do Corcovado / Rio de Janeiro.

A integridade das diferentes áreas é observada a partir da importância do papel que desempenham na vida da cidade. Diversas medidas de proteção ambiental e de patrimônio cultural foram implantadas desde o século 19, com a desapropriação de fazendas localizadas nas serras da Carioca e da Tijuca e seu reflorestamento, o que trouxe benefícios ambientais para a cidade e interferiu no uso e na morfologia das diferentes áreas que integram o lugar.

A inscrição do Rio de Janeiro / Niterói na categoria de paisagem cultural, por seu excepcional valor universal, foi um passo relevante para consolidar as ações de proteção e de preservação de uma interação ímpar entre cultura e natureza, em uma metrópole densamente ocupada denominada de Grande Rio.

Figura 5: Vista do MAC a partir do MACquinho, 2018



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2018

METODOLOGIA: Redes Urbanas na Plataforma Digital do MACquinho

A metodologia do projeto foi realizada com a Plataforma Urbana Digital do MACquinho e se baseia em uma leitura urbana crítica que elege a cidade como laboratório e campo de experimentação digital, através da análise de experiências localizadas que têm o intuito de mudar espaços públicos através de novas intervenções arquitetônicas. Com foco na ocupação das megacidades brasileiras por grupos de manifestantes organizados em redes, a pesquisa enfatiza ações em microescala a partir de práticas sociais e apropriações coletivas, chamando a atenção para a importância de iniciativas de baixo para cima no cenário da paisagem urbana.

A tática do projeto se centra no levantamento de um ESPAÇO / CONTEXTO CONCRETO definido por ocupações de ociosos | vazios que preenchem aqueles espaços urbanos abandonados sob viadutos, becos, ruas elevadas, pilares, galpões e cercas de ferro. O foco da pesquisa se volta para as redes que representam exemplos instigantes sobre como a população transforma espontaneamente artefatos técnicos em espaços ativos de participação político-cultural e de manifestações lúdico-criativas no cotidiano urbano, por meio da criação de hortas e jardins públicos nas cidades do Rio de Janeiro / Niterói.

O projeto prioriza o domínio público em âmbitos específicos do urbanismo como

sendo composto por locais onde o intercâmbio entre diferentes grupos sociais se torna possível e onde acontece o dia a dia. Também enfatiza a aspereza como o que resta do passado enquanto formas concretas, indicando espaços construídos e paisagens urbanas como o que resta do processo de supressão, acumulação e superposição de coisas acumuladas por toda parte.

O objetivo do projeto é a abertura de debates com moradores de favelas em torno da validade do projeto e da construção de protótipos de Muros Verdes e Grafismo Indígena no MACquinho por docentes da Universidade Federal Fluminense, contando com a participação de mais de 400 construtores do Morro do Palácio.

Figura 6: Protótipo/Horta Urbana, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

Figura 7: Sofia Eder/Muro Verde, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

RESULTADOS DO PROJETO: Paredes Verdes e Grafismo Indígena em Espaços Vazios

O projeto enfatiza as seguintes questões teóricas:

- 1) Cidades como Adaptação entre Direitos Privados e Responsabilidades Públicas: Posse de Terra nas Favelas, Moradia Informal e Processo de Gentrificação.
- 2) Massa Tridimensional dos Edifícios na Favela: Espaços Duros x Espaços Vazios.
- 3) Escala das Edificações na Favela e no seu Entorno: Espaços Públicos x Espaços Privados do Museu de Arte Contemporânea (MAC), MACquinho e Morro do

Palácio / Niterói.

- 4) Sustentabilidade Ambiental: Falta de Infraestrutura Urbana e Urbanismo na Favela.

Definindo uma linguagem inovadora de design urbano na favela

Para alcançar uma originalidade na concepção de Muros Verdes e Grafismo Indígena, o projeto prioriza a qualidade e a relevância do conhecimento que pode levar aos moradores da favela, por meio da geração de um valor socioeconômico aos produtos resultantes.

Novas codificações de espaços públicos democráticos nas favelas

Revitalização do Beco da Paz, recuperando seu lugar como espaço ativo de trocas e encontros. Ocorreu ali um diálogo transcultural com discussões coletivas que antecederam o projeto e determinaram as principais atividades sugeridas pelos moradores desta comunidade.

Espaço Concreto | Contexto

Criação de um vocabulário de Arquitetura e Urbanismo em microescala com capacidade de absorção da diversidade. Antes considerado como pano de fundo, o novo espaço se tornou frente em relação ao meio ambiente criado com a disponibilização do Muro Verde e do Grafismo Indígena no Bar Wilma. O diálogo transcultural estabelecido entre professores universitários e moradores de favelas permitiu que as casas abrissem sacadas para a praça, já que a calçada virou um espaço coletivo. O vazio era delimitado por autoconstruções e foi ocupado por novas áreas onde anteriormente existiam carências de espaços de encontro e lazer.

Negociação | Abertura

Adicionando equipamentos naturais (Muros Verdes, Jardins Comunitários e Protótipos de Arquitetura Bioclimática) capazes de ativar o vazio, a partir de usos sugeridos pelos moradores do entorno.

A metodologia do Desenho Urbano na favela acabou por incluir a criação de um **vocabulário de equipamentos no vazio**, estabelecendo a produção experimental de protótipos projetados por arquitetos, em colaboração com outros parceiros e construtores locais.

Figura 8: Grafismo Indígena/Bar da Wilma, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

Figura 9: Oficina/Carol Potiguara, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

CONCLUSÃO

Com o objetivo de garantir uma educação inclusiva e equitativa de qualidade e para promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para os participantes da comunidade do Morro do Palácio, a atual proposta conjunta do MACquinho e da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) favorece a implantação do Muros Verdes (Jardins e Hortas Urbanos) combinados com protótipos de Arquitetura Bioclimática e Grafismo Indígena no Morro do Palácio / Niterói.

A metodologia de trabalho do grupo envolvido no projeto gira em torno de um seminário prático-teórico ministrado no Auditório MACquinho desde 2017 e em andamento. Os protótipos construídos no Morro do Palácio visam garantir que moradores dessa comunidade e estudantes universitários adquiram os conhecimentos e as habilidades necessárias para promover um estilo de vida sustentável. A metodologia de trabalho do grupo envolvido no projeto gira em torno de um seminário prático-teórico como atividade de extensão universitária,

com foco na criação de um Laboratório de Pesquisa Transcultural Experimental.

Esta proposta faz parte do tema sustentável aprovado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) - Melhorando Vidas para a Urbanização Comunitária e a Inclusão Social. Tal componente se refere à melhoria de bairros de baixa renda como o Morro do Palácio / Niterói por meio de intervenções de urbanização (infraestrutura de saneamento básico e drenagem, pavimentação, iluminação pública etc.), além dos adequados serviços sociais e ambientais comunitários envolvidos no projeto de hortas e jardins urbanos.

Este inovador estudo de campo transcultural pretende intercambiar a linguagem acadêmica universitária com a linguagem popular dos construtores de favelas e moradores do Morro do Palácio / Niterói. Portanto, o Projeto Piloto de Muros Verdes e Grafismo Indígena enfoca questões de comunicação transcultural por meio de inovação técnica, estética e sustentabilidade ecológica. Com a participação de esforços conjuntos de moradores de favelas, artesãos e músicos indígenas convidados e representantes do corpo docente e discente da Universidade Federal Fluminense (UFF), o projeto integra o Laboratório de Paisagem e Lugar (LAPALU) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) como exemplo de educação multimídia em Arquitetura e Urbanismo, em colaboração com a Secretaria Municipal de Tecnologia da Prefeitura Municipal de Niterói.

Por fim, o projeto deriva de uma atitude participativa que permite aos moradores das favelas se tornarem seus membros como agentes comunitários, artistas, curadores e professores. Os principais objetivos do projeto são, então:

1. Disseminar as culturas das populações da favela por meio de exposições, performances e oficinas;
2. Estabelecer um banco de dados das culturas tradicionais das favelas em relação às suas artes visuais e artesanato, música e dança, medicina, gastronomia, turismo e ecologia;
3. Permitir aos agentes comunitários o acesso à tecnologia digital com a criação de novos produtos artísticos digitais;
4. Estimular a autodeterminação dos moradores da favela em nível local, nacional e internacional por meio da criação de uma rede de colaboração entre essas comunidades.

Figura 10: Estrutura do Muro Verde/Canos de água, 2017



Fonte: DINAH GUIMARAENS, 2017

BIBLIOGRAFIA

INCOLLÁ, Maria de las Nieves Arias. "El paisaje cultural: una nueva categoría del patrimonio mundial". In: **Paisajes Culturales: Un Enfoque para la Salvaguarda del Patrimonio**. Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio/CICOP. Argentina, Buenos Aires: CICOP, 1999.

GUIMARAENS, Dinah (org.). **Estética Transcultural na Universidade Latino-Americana: Novas Práticas Contemporâneas**. Niterói: Eduff., 2016

MOSTAFAVI, Mohsen and DOHERTY, Gareth (orgs.). **Urbanismo Ecológico**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

ROGERS, Richard. **Cidades para um Pequeno Planeta**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

ROSA, Marcos L. **Microplanejamento: Práticas Urbanas Criativas**. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

TSCHUMI, Bernard. **EVENT-CITIES 4: Concept-Form**. Cambridge, MA; London, England: MIT Press, 2010.

WEB SITES

PAISAGEMS CULTURAIS. <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/-17/11/2020> . Acesso 17.01.2020

Prefeitura inaugura Plataforma Urbana Digital no Morro do Palácio

http://www.niteroi.rj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2190:2014-04-04-23-46-56-17/11/2020 . Acesso 17.01.2020